

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MORTALIDADE MATERNA POR ABORTO NO BRASIL ENTRE 2013 E 2023

Introdução: A mortalidade materna é um importante indicador de desigualdade em saúde e de acesso a cuidados obstétricos. Estima-se que mais de 280 mil mulheres morram anualmente por complicações gestacionais e do parto, sendo a maioria evitável com intervenções oportunas. Fatores como baixa cobertura de pré-natal, falhas assistenciais, desigualdades socioeconômicas e barreiras regionais figuram entre os principais determinantes. Nesse contexto, reduzir a mortalidade materna representa não apenas um desafio clínico, mas também uma prioridade de saúde pública global.

Objetivo: Analisar o perfil epidemiológico da mortalidade materna por aborto no Brasil entre 2013 e 2023. **Métodos:** Estudo descritivo e transversal, com dados do DATASUS. Avaliou-se a taxa de mortalidade materna por aborto segundo região, idade, local de ocorrência, raça, escolaridade, estado civil e CID, no período de 2013 a 2023. Foram calculadas porcentagens e incidência ao longo do período. Dados coletados em dezembro de 2024. **Aspectos éticos:** Foram utilizados dados públicos do DATASUS, não sendo necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (Res. CNS nº 510/2016).

Resultados: Foram registradas 368 mortes por aborto. O Sudeste apresentou maior prevalência (32,3%), seguido de Nordeste (27,7%), Norte (17,1%), Centro-Oeste (13,0%) e Sul (9,8%). A faixa etária mais acometida foi 20–29 anos (44,8%), enquanto a de 10–14 anos representou apenas 0,3%. Houve queda geral de 29,8% entre 2013 e 2023, embora o Norte tenha apresentado aumento de 14,3% e o Sul mantido estabilidade. A maioria dos óbitos ocorreu em hospitais (89,9%). Quanto à raça, predominaram mulheres pardas (51,1%), seguidas de brancas (31,0%) e pretas (11,1%). Em relação à escolaridade, 73,9% não possuíam ensino médio completo. A maioria era solteira (54,1%). Sobre a classificação CID, 55,4% foram “aborto não especificado”, seguidos de “espontâneo” (27,2%), “outros tipos” (15,5%) e “aborto por razões médicas e legais” (1,9%). **Conclusão:** A mortalidade materna por aborto no Brasil reflete desigualdades sociais e regionais, com maior impacto em mulheres jovens, pardas e de baixa escolaridade. Apesar da redução global no período, persistem disparidades e subnotificação, reforçando a necessidade de políticas públicas mais abrangentes.